

Texto bíblico

Romanos 2

1. Meu amigo, não importa quem você seja, você não tem desculpa quando julga os outros. Pois, quando você os julga, mas faz as mesmas coisas que eles fazem, você está condenando a você mesmo.

Baile de Máscaras

(Nina Fialho em 05/2013)

Misteriosas, as máscaras, em várias culturas, apresentam diferentes significados e usos. No carnaval medieval, sua associação é com o período no qual os venezianos entregavam-se aos divertimentos proibidos. O uso das máscaras permitia seu disfarce, possibilitando, assim, ser outro alguém durante algumas horas.

Você já se surpreendeu analisando o seu comportamento e o das pessoas que estão a sua volta e teve a sensação de estar em um elegante, mas intrigante, baile de máscaras em Veneza? Se a resposta for sim, não se preocupe; não se condene por vez ou outra, desejar abrir mão do uso dos “filtros” que a sociedade impõe. Você não está só! Algumas vezes, percebo-me, contemplativa, analisando alguns acontecimentos e questionando que momento da vida nos “formataram” para pensar e agir, como se vivêssemos em um eterno baile de máscaras.

Somos julgados pelos nossos atos, pela forma como nos expressamos, pelas palavras que proferimos e até pelo tom da nossa risada. Se discordarmos de algo, seremos revolucionários; se concordarmos, uma “maria vai com as outras”; se nos posicionarmos com neutralidade, para evitar maiores polêmicas ou, simplesmente, por não ter, ainda, uma opinião formada sobre um determinado assunto, seremos acusados de “ficar em cima do muro”.

A sensação que tenho é que não podemos falhar e que o planeta parece ser habitado por um exército de pessoas perfeitas, que não perdem o controle e que não fazem escolhas das quais poderão arrepender-se futuramente. Pessoas com habilidades, de inteligência emocional plenamente desenvolvida e que estão acima do bem e do mal. Entretanto, ao terem que estender a mão ou perdoar um erro, tornam-se algozes, esquecendo que, se hoje ocupam a

posição de julgadoras, amanhã poderão ser julgadas. Reféns do próprio ego, que não as levará a lugar algum.

E as que são incapazes de perdoar? O perdão, apesar de ser nobre, é gesto difícil, eu sei, mas é também atitude libertadora. Por orgulho, por vaidade ou, simplesmente, por falta de amor ao próximo, muitos não conseguem perdoar. Já vi amizades de longa data acabarem, porque o julgamento se sobrepôs ao admirável gesto de conceder o benefício da dúvida. Tarefa difícil a de lidar com “donos da verdade”. Não estou aqui para criticar este ou aquele comportamento, apenas compartilho com vocês como me sinto na posição de observadora e de como, por mais que me esforce para compreender as razões que levam cada indivíduo a fazer esta ou aquela escolha, sou afetada e, também, sofro com as diferenças. Acredito, fortemente, na gentileza, que é essencial para as boas relações, e no ponto de equilíbrio, encontrado a partir dos valores de cada pessoa, respeitando a visão de cada um. Isso é caminho para uma boa convivência.

Sou entusiasta por natureza e observadora do comportamento humano. Aposto nas diferenças e aprendo muito com elas. Tento identificar algumas das atitudes que considero positivas ou negativas no meu próprio comportamento. Tarefa difícil é essa de auto avaliação, por isso estou sempre aberta às críticas e procurando o meu próprio equilíbrio. Confesso que um determinado perfil comportamental me agrada mais que outros, como, por exemplo, tenho verdadeira admiração por aqueles que não têm medo de mostrar suas fragilidades; os que, nobremente, reconhecem seus erros e levantam-se após as quedas com humildade e cabeça erguida, para olhar nos olhos, desculpar-se e seguir em frente, buscando melhorar a cada dia.

Acho admiráveis os que são capazes de despir-se dos preconceitos, da ira, da inveja e do orgulho. Os que buscam ser empáticos e oferecem o “ombro” àqueles que, por vezes, enfrentam alguma dificuldade; os que, ao invés de apontar erros, criticar e questionar, procuram ser solidários. A esses, minha eterna gratidão, respeito e admiração.

Felizmente, em um mundo onde as pessoas estufam o peito declarando-se perfeitas, há outras que escolhem se livrar dos filtros, agir e viver de acordo com seus valores e que, mesmo submetidas às normas de conduta regidas pela ética e moral, não se escondem atrás de pesadas máscaras. Pessoas que se permitem chorar, que não fazem questão de mostrar-se forte o tempo todo, que se apresentam sem armaduras, admitem erros e, ainda assim, não perdem a capacidade de ir em frente e além.

Gosto muito dos “guerreiros” que, algumas vezes, largam suas espadas e declaram a necessidade de sentirem-se protegidos e, com uma incrível sensibilidade, percebem a nossa dor além do que mostramos. Aquelas que, quando apontam o dedo, é para nos mostrar o caminho e, quando estufam o

peito, é de alegria e satisfação plena, porque sabem que podemos e devemos ser amados e admirados com todas as nossas imperfeições.

Tenho para mim que, apesar de esconder o rosto daqueles que as usam, as máscaras também mostram a personalidade de quem está por trás delas e, na maioria das vezes, são tão frágeis quanto os que preferem mostrar-se sem medo de julgamentos. O que lhes falta, muitas vezes, é coragem. Quando me percebo contemplativa e questionadora, procuro imaginar a beleza escondida por trás de cada armadura e lembro que o baile não dura a vida toda e, cedo ou tarde, livre das máscaras, iremos nos reconhecer e, quem sabe, apesar das diferenças, poderemos trilhar juntos um belo caminho de grande aprendizado.

Nina Fialho